

A “GRIPE ESPANHOLA” (1918-1919) NO BRASIL: UMA ANÁLISE À LUZ DE PERIÓDICOS — IMPRENSA, REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIO SOCIAL

Luana Rodrigues Araújo¹

Dilza Porto Gonçalves²

RESUMO

Este estudo propõe uma investigação da pandemia de Gripe Espanhola (1918-1919) no Brasil, com foco específico no primeiro ano da crise sanitária, destacando os discursos impressos em jornais, as reações sociais e as representações culturais da pandemia. A partir de uma pesquisa bibliográfica, aliada à análise de periódicos de ampla circulação na época, busca-se compreender como os discursos veiculados pela imprensa contribuíram para a percepção coletiva da pandemia, além de analisar as medidas adotadas pelas autoridades e as reações da população diante do desafio sanitário enfrentado. Inserida no campo teórico da História Cultural, a base metodológica desta pesquisa será a Análise de Conteúdo, conforme sistematizada por Laurence Bardin, permitindo a identificação de categorias recorrentes nas fontes e lançando luz sobre as formas como a sociedade brasileira enfrentou e representou tal experiência pandêmica, há pouco mais de um século, marcada por desafios profundos.

Palavras-chave: Pandemia; Gripe Espanhola; Imprensa; Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

This study proposes an investigation of the Spanish Flu pandemic (1918-1919) in Brazil, with a specific focus on the first year of the health crisis, highlighting newspaper discourse, social reactions, and cultural representations of the pandemic. Based on bibliographical research combined with an analysis of widely circulated periodicals at the time, the study seeks to understand how press discourse contributed to the collective perception of the pandemic, as well as analyzing the measures adopted by authorities and the population's reactions to the health challenge. Embedded in the theoretical field of Cultural History, the methodological basis for this research will be Content Analysis, as systematized by Laurence Bardin, allowing for the identification of recurring categories in the sources and shedding light on how Brazilian society faced and represented this pandemic experience, a little over a century ago, marked by profound challenges.

Keywords: Pandemic; Spanish Flu; Press; Content Analysis.

¹ Graduanda em História – licenciatura pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: luana.araujo@ufms.br

² Professora, Doutora e coordenadora do curso de História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: dilza.porto@ufms.br

INTRODUÇÃO

Em um contexto global marcado pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ao fim da década de 1910 emergiu a Pandemia de Gripe Espanhola, também conhecida por diversos nomes (como “bailarina”, “peste pneumônica”, “grande influenza”, entre outros). Causada pelo vírus Influenza A (H1N1), a doença se espalhou rapidamente por todos os continentes. A denominação “Gripe Espanhola” se deu devido a cobertura jornalística espanhola, que por estar neutra diante da Guerra, noticiava abertamente os impactos do vírus, enquanto outros países censuravam informações (Schwarcz; Starling, 2020).

Nesse sentido, Lilia Schwarcz e Heloísa Starling, na obra “A bailarina da morte: a Gripe Espanhola no Brasil”, onde realizaram uma pesquisa densa sobre a doença em solo brasileiro, destacam que a reação das sociedades às pandemias segue padrões recorrentes de negação, estigmatização e busca de explicações morais ou religiosas, evidenciando que tais eventos mobilizam representações, medos e comportamentos sociais que vão além do plano biológico, como é evidenciado nos seguintes excertos:

Toda doença conta uma História. Toda doença contagiosa é também um evento social [...] A história da espanhola é, portanto, feita de descobertas, de enfrentamentos sanitários, e narra a saga da primeira pandemia da modernidade, a primeira grande colisão entre a natureza e a ciência moderna [...] Um pandemônio ou uma pandemia têm a capacidade de chamar por todos os demônios que vivem dentro de nós, fora de nós e entre nós. Toda pandemia carrega consigo, no seu curso mortal, muitos projetos e destinos. (Schwarcz; Starling, 2020. p. 46-50)

No Brasil, a doença chegou principalmente por embarcações internacionais, como o navio inglês Demerara, espalhando-se rapidamente devido à negligência sanitária e à ausência de políticas de saúde pública eficazes. Nesse sentido, a presente pesquisa propõe uma investigação da pandemia da Gripe Espanhola (1918-1919) no Brasil, tendo como enfoque o segundo semestre do ano 1918 (quando a doença se instala no país), e início de 1919. Para tal, serão abordados os discursos impressos em jornais, as reações sociais e as representações culturais da pandemia. Inserida no campo teórico da História Cultural, o estudo parte do pressuposto de que a pandemia se trata de um fenômeno social e cultural. Levando em consideração os apontamentos de Roger Chartier (1990), fica claro que a imprensa não veicula notícias de forma neutra e imparcial, mas atua como mediadora entre o acontecimento histórico e a percepção coletiva que se tem dele, participando da construção do imaginário e das representações sobre a doença.

Nesse sentido, a partir de uma pesquisa bibliográfica, aliada à análise de periódicos de ampla circulação na época, busca-se analisar como a imprensa representou a Gripe Espanhola entre 1918 e 1919. Para isso, serão examinados os discursos jornalísticos produzidos durante o período, para identificar as representações sociais da doença construídas pelos diferentes periódicos e compreender as emoções coletivas, as práticas culturais e as respostas sociais elaboradas diante da pandemia. A base metodológica desta pesquisa realizada nas fontes primárias (periódicos) será a Análise de Conteúdo, sistematizada por Laurence Bardin, em sua obra *Análise de conteúdo* (1977), grande referência na área. A forma como essa metodologia foi aplicada nesta pesquisa será esmiuçada no desenvolvimento do trabalho. Além disso, cabe destacar que a pesquisa é apresentada no formato de artigo científico, estruturando seu desenvolvimento em duas partes complementares. Inicialmente, realiza-se um breve panorama histórico da Gripe Espanhola no Brasil, contextualizando o avanço da pandemia, suas consequências sociais e as condições que moldaram a experiência brasileira. Em seguida, o estudo se concentra em “A Gripe Espanhola na imprensa: representações da doença”, analisando como os periódicos da época construíram sentidos, narrativas e imagens sobre a pandemia. Dessa forma, o artigo integra contextualização histórica e análise de conteúdo, permitindo compreender tanto o cenário social quanto às formas de representação jornalística da doença.

No que se refere aos periódicos examinados, o estudo toma por fonte os jornais *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã*, publicados no Rio de Janeiro entre setembro de 1918 e meados de 1919. As notícias selecionadas foram categorizadas em: medidas governamentais; respostas e representações sociais; transformações na vida cotidiana e emoções coletivas, a fim de compreender como os conteúdos jornalísticos refletiram e influenciaram a percepção social da moléstia.

Portanto, ao investigar a Gripe Espanhola no Brasil para além de uma crise sanitária, tendo em vista que configurou-se como um fenômeno cultural e social, faz-se com este estudo seja de extrema relevância acadêmica, oferecendo subsídios para o preenchimento de lacunas acerca desse tema. Ao compreender suas múltiplas representações e impactos na sociedade brasileira, torna-se possível ampliar a reflexão sobre as formas como as crises de saúde moldam práticas, discursos e percepções coletivas ao longo da história. Nesse sentido, a abordagem proposta pretende evidenciar que as epidemias integram-se ao universo simbólico e cultural das sociedades, expressando valores, medos, crenças e estratégias de enfrentamento social diante da ameaça da doença.

PANORAMA HISTÓRICO: “LA BAILARINA” EM TERRAS BRASILEIRAS

Ao fim da década de 1910, em um cenário mundial já extremamente abalado pela Primeira Guerra Mundial, uma nova ameaça emergia com força devastadora: a Pandemia de Gripe Espanhola. Popularmente chamado de “bailarina”, “peste pneumônica”, “grande influenza”, “espanhola”, “praga”, “peste”, entre outros, em 1918 o vírus Influenza A (subtipo H1N1), disseminava-se de forma rápida e brutal ao redor do globo, por todos os continentes. (Schwarcz; Starling, 2020).

Segundo Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, autoras da obra “A bailarina da morte: a Gripe Espanhola no Brasil” (2020), este nome foi atribuído à doença porque a Espanha, que se mantinha neutra no conflito na Primeira Guerra, noticiava abertamente os estragos causados pelo vírus e suas consequências, enquanto muitos outros países censuravam as informações. Além disso, sobre os diversos nomes vinculados a essa moléstia, as autoras ressaltam que:

Designar uma doença com o nome do inimigo ou do estrangeiro é algo que se repete pelo menos desde a Idade Média [...] O procedimento foi reiterado durante a epidemia de 1918. Os soldados alemães, no campo de batalha, chamavam a peste de “febre de Flandres”. Na Polônia, era a “gripe bolchevique”, e na Pérsia, a “gripe inglesa”. Em San Sebastián, perto da fronteira com a França, onde a moléstia começou seu ataque à Espanha, pondo em risco o turismo que sustentava a economia da região, levou o nome de “gripe francesa”. E havia quem acreditasse, nos Estados Unidos — e também no Brasil —, que a gripe era uma arma química, inventada na Alemanha[...] (Schwarcz; Starling, 2020. p. 14)

À vista disso, é importante destacar que, segundo as autoras, a reação humana frente às pandemias costuma passar por fases previsíveis: negação, busca de culpados, atribuição religiosa ou moral, e estigmatização. Ademais, cabe entender que as pandemias são fenômenos que mobilizam uma série de representações, medos e comportamentos sociais, não tratando-se apenas de eventos biológicos, e as formas como a sociedade interpreta e reage à doença revelam aspectos profundos do corpo social, cultural e político de um determinado tempo histórico.

Portanto, ao olhar através da perspectiva da História Cultural, pode-se entender que as pandemias são compreendidas como fenômenos que mobilizam representações, medos e comportamentos sociais. Nesse sentido, para Schwarcz e Starling, “Um pandemônio ou uma pandemia têm a capacidade de chamar por todos os demônios que vivem dentro de nós, fora de nós e entre nós. Toda pandemia carrega consigo, no seu curso mortal, muitos projetos e destinos (Schwarcz; Starling, 2020, p. 50).

No que se refere a ‘Espanhola’, seguindo seu trajeto devastador, o vírus desembarcou no Brasil, especialmente pelo navio inglês transatlântico Demerara — símbolo da disseminação da doença, sendo apelidado posteriormente de “Navio da Morte”, que partiu de Liverpool no dia 15 de agosto de 1918, passou por Lisboa e Recife, e atracou em portos como Salvador, Rio de Janeiro e Santos, e em cada parada o vírus seguia seu fluxo de contaminação em massa Nesse sentido, ao chegar em solo brasileiro, os riscos da doença que contabilizava um número exorbitante de vítimas ao redor do mundo, foram minimizados pelas autoridades brasileiras, que permitiram o desembarque de passageiros dos navios mesmo diante de óbitos e sintomas gripais. Portanto, entende-se que o descaso sanitário e o negacionismo inicial contribuíram profundamente para o rápido alastramento da doença (Schwarcz; Starling, 2020, 60-62).

Schwarcz e Starling (2020), destacam que outras embarcações estavam infectadas, e que os portos brasileiros, pouco fiscalizados e sem protocolos eficazes de contingência, funcionaram como portões abertos para o contágio. Considerando isso, a disseminação seguiu rotas litorâneas e ferroviárias, atingindo as principais capitais do país. A negligência das autoridades, o despreparo médico, e a crença de que o clima tropical impediria a proliferação da gripe, fizeram com que a doença se espalhasse rapidamente.

Nesse contexto, quando a Gripe Espanhola aportou no Brasil, a República, proclamada em 1889, estava estabelecida há quase três décadas, e era muito caracterizada por sua forma de governo conservadora, excludente e insensível para as demandas sociais. Além disso, segundo Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2020):

O regime republicano não construiu uma política consistente na área de saúde, muito menos uma agenda de saúde pública permanente voltada para a população pobre, urbana e rural. A ação da União se limitava a serviço de vigilância sanitária e a controle das condições portuárias; além, claro, da adoção de providências emergenciais frente a surtos epidêmicos periodicamente incidentes no país. (Schwarcz; Starling, 2020, p.19)

Diante desse quadro, a atuação das autoridades políticas e sanitárias revelou-se limitada e ineficaz. Inicialmente, houve uma postura de negação da gravidade do problema, acompanhada por uma tentativa de se eximir de responsabilidades. As prioridades recaíram, em grande medida, sobre interesses econômicos e políticos, relegando a proteção da vida da população a um segundo plano. Nesse cenário, proliferaram supostos remédios milagrosos, muitos deles à base de quinino, substância que mais tarde seria utilizada na formulação da cloroquina, apesar da ausência de eficácia comprovada (Schwarcz; Starling, 2020).

Seguindo seu curso, a chegada da Gripe Espanhola provocou múltiplos colapsos ao longo do território brasileiro, que evidenciaram não apenas a precariedade dos serviços públicos, mas também as desigualdades sociais profundas que atravessavam o país. Em diferentes capitais, o poder público oscilou entre a negação e o improviso. No Rio de Janeiro, cerca de 12.700 mortes em dois meses paralisaram serviços essenciais; em São Paulo, metade da população foi acometida pela doença, afetando sobretudo os bairros operários. Em Recife, o termo “tanatomorbia” foi cunhado como artifício para mascarar estatísticas oficiais. Em Salvador, a resistência popular manifestou-se, principalmente através de práticas religiosas sincréticas (Schwarcz; Starling, 2020, p. 65-192).

Ademais, outras regiões também vivenciam a crise de formas particulares: em Belo Horizonte, desabava o ideal higienista da “cidade planejada”; no Sul, a morte de coveiros levou à mobilização de presos para o sepultamento; e no Norte, a precariedade da assistência médica levou à criação de hospitais flutuantes. Povos indígenas da Amazônia, embora profundamente impactados, foram amplamente invisibilizados nas narrativas oficiais (Schwarcz; Starling, 2020, p. 193-291). Além disso, a morte do presidente eleito Rodrigues Alves, impedido de tomar posse pela doença, ganhou contornos simbólicos: tratada com discrição e ceremonialismo, sua ausência reforçou a tentativa de manutenção da ordem institucional, mesmo diante do caos (Schwarcz; Starling, 2020, p. 292-317).

Embora tenha deixado marcas institucionais, como a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública em 1920, a pandemia não resultou em rituais públicos de memória. Foi, antes, um acontecimento silenciado, cuja compreensão exige olhar para os discursos, práticas e disputas simbólicas que atravessaram sua vivência. Dessa forma, pode-se compreender que a Gripe Espanhola rapidamente se alastrou pelo Brasil, atingindo distintas cidades e regiões. Longe de representar apenas uma crise sanitária, a pandemia expôs de maneira ainda mais evidente as profundas disparidades sociais do país, já que, segundo as autoras, os dados e relatos da época revelam que os principais atingidos, em número de infectados e mortos, pertenciam, majoritariamente, a segmentos específicos da população, marcados por sua classe social, cor e raça (Schwarcz; Starling, 2020).

Posto isso, cabe destacar que a pandemia de gripe espanhola foi uma das crises sanitárias mais mortais e avassaladoras vivenciada na História da humanidade. Segundo Souza (2021):

A doença irrompeu no hemisfério norte na primavera de 1918. Embora tenha durado dois anos, um número significativo de mortes foi acumulado em três meses especialmente cruéis no outono de 1918. Fenômeno global, a doença matou entre 50

e 100 milhões de pessoas e infectou até um terço da população mundial – mais do que todos os soldados e civis mortos durante a Primeira Guerra Mundial juntos. Ao contrário da maioria das cepas de gripe, esta foi particularmente mortal para jovens adultos entre 20 e 40 anos, o que significa que muitas crianças perderam um ou ambos os pais. Para médicos e cientistas que acreditavam estar começando a vencer doenças infecciosas, a pandemia foi um golpe devastador. Apesar da abrangência e da destrutividade da pandemia de gripe de 1918-1920, durante muitos anos ela foi silenciada não só pelos que sobreviveram à catástrofe, mas também pelos historiadores, mais inclinados a investigar questões relativas à economia, à política e às guerras. Não à toa, o historiador norte-americano Alfred Crosby (2003) a denominou de “a pandemia esquecida”. (SOUZA, 2021. p.70)

Dessa forma, compreender a Gripe Espanhola a partir da perspectiva da História Cultural possibilita evidenciar como o medo, o silêncio e os processos de construção da memória coletiva estruturaram a experiência brasileira diante dessa catástrofe global. Essa abordagem permite analisar não apenas os impactos sanitários da epidemia, mas também as dimensões simbólicas, sociais e políticas que atravessaram a vivência coletiva.

A GRIPE ESPANHOLA NA IMPRENSA: REPRESENTAÇÕES DA DOENÇA

Esta pesquisa utiliza como metodologia, somada à revisão bibliográfica, a análise de fontes primárias, especificamente os periódicos circulados no momento histórico no qual o estudo se debruça. Para tal, se fez necessário a utilização de uma metodologia de Análise de Conteúdo, e nesse caso foi utilizado o modelo sistematizado por Laurence Bardin em sua obra *Análise de conteúdo* (1977), grande referência na área, e um importante instrumento metodológico para a interpretação de discursos. Nesse sentido, Bardin caracteriza a análise de conteúdo como sendo:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1977. p.31)

Além disso, em sua obra, Bardin apresenta um conjunto de técnicas que permite a descrição, interpretação objetiva e sistemática do conteúdo, com o objetivo de identificar sentidos, padrões e representações sociais apresentados em discursos. Levando em conta as considerações da autora, neste trabalho tal metodologia é aplicada à análise de periódicos jornalísticos publicados durante os primeiros anos da Gripe Espanhola (2º semestre de 1918 e 1º semestre de 1919), com o intuito de compreender como essa pandemia foi representada e

socialmente construída, utilizando como fonte, os conteúdos expressos nos periódicos da época.

Nesse sentido, cabe ressaltar que, a análise de conteúdo sob o método de Bardin se estrutura em três etapas principais: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. A primeira fase, a pré-análise, consiste na organização do corpus documental, neste caso, os jornais selecionados a partir da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, bem como na formulação das hipóteses e objetivos de leitura. Esta etapa compreende também a escolha dos documentos mais representativos e a definição de unidades de registro e de contexto.

Adiante, na próxima etapa, denominada exploração do material, realiza-se a codificação das unidades previamente definidas, com base em um processo de categorização. As unidades de significado são identificadas e agrupadas em categorias temáticas a partir da leitura dos textos. Este processo permite o delineamento de recorrências, expressões-chave e construções discursivas presentes nas fontes.

Na terceira etapa, os dados organizados são interpretados tendo em consideração o referencial teórico e os objetivos da pesquisa. No contexto deste estudo, a análise busca compreender como os discursos presentes nos periódicos elucidam determinadas formas de pensar, sentir e agir diante da pandemia, destacando os sentidos atribuídos a temas como doença, medo, prevenção, entre outros.

Portanto, na presente pesquisa o foco recai sobre os periódicos publicados no Rio de Janeiro entre 1918 e 1919, período correspondente ao auge da pandemia da Gripe Espanhola no Brasil. Tal delimitação temporal e espacial foi adotada em razão da centralidade política e cultural da então capital federal, bem como pela ampla circulação e influência de seus jornais. Foram selecionados, como corpus documental, os jornais *Gazeta de Notícias (RJ)* e *Correio da Manhã (RJ)*, ambos de grande circulação e relevância na imprensa carioca do período.

A seleção das matérias seguiu os critérios de busca por palavras-chave (“grippe” “grippe hespanhola” “influenza” “peste”) na base de dados da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional Digital, contemplando textos publicados entre setembro de 1918 e meados de 1919. Cada material foi fichado e categorizado de acordo com a natureza da publicação, os temas predominantes e as representações simbólicas observadas, de modo a possibilitar uma análise qualitativa das narrativas e imaginários construídos pela imprensa.

Nesse sentido, as notícias selecionadas dos jornais referenciados anteriormente, foram analisadas e agrupadas dentro das seguintes categorias: Medidas Governamentais; Respostas e representações sociais da pandemia; Transformações na vida cotidiana e práticas culturais;

Emoções coletivas frente à pandemia. O estudo segue a perspectiva da História Cultural, dialogando, principalmente, com os autores Roger Chartier e Lilia Schwarcz, para compreender o panorama histórico da pandemia, além das formas de representação, percepção e difusão de significados sobre a doença na imprensa brasileira.

De modo geral, a imprensa pode ser entendida e vista por muitos como a mera transmissão de informações, de forma imparcial e neutra. Porém, ao lançar o olhar para esse tipo de material, através das perspectivas da História Cultural³, é possível constatar que os discursos e textos expressos em jornais, revistas etc., constituem, segundo Roger Chartier (1990), formas de apropriação⁴ e de construção simbólica da realidade social. Além disso, Chartier expressa que o leitor não é passivo, ele traz consigo experiências, saberes, crenças e expectativas.

Logo, ler é um ato ativo, não uma recepção automática. Conforme Chartier (1990), o sentido de um texto é construído na relação entre as práticas de leitura e os dispositivos discursivos que o sustentam, isso é expresso no seguinte trecho:

Os textos não são depositados nos objetos manuscritos ou impressos, que o suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole. Considerar a leitura como um acto concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática do ler, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais — chamemos-lhes «tipográficos» no caso dos textos impressos — que são os seus. Esta constatação permite traçar um espaço de trabalho, esboçado nos estudos aqui reunidos, aprofundado noutro local, e que situa a produção do sentido, a «aplicação» do texto ao leitor como uma relação móvel, diferenciada, dependente das variações, simultâneas ou separadas, do próprio texto, da passagem à impressão que o dá a ler e da modalidade da sua leitura (silenciosa ou oral, sacralizada ou laicizada, comunitária ou solitária, pública ou privada, elementar ou virtuosa, popular ou letrada, etc.). (CHARTIER, 1990. p. 25-26)

Assim, no contexto desta pesquisa, toma-se como central o entendimento de que a forma como os jornais apresentaram a pandemia condicionou modos distintos de apropriação e interpretação pelos leitores. A imprensa, portanto, atuou como mediadora entre o

³ “A História Cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (Chartier, 1990, p. 16-17). Dessa forma, entende-se que, a História Cultural, segundo o autor, busca identificar como uma realidade social é construída, pensada e dada a ler, considerando as representações simbólicas e as práticas sociais.

⁴ Segundo Chartier, ler é um ato de apropriação, não de simples decodificação. “A leitura é sempre uma prática inventiva, que transforma o texto em função das competências, das expectativas e das convenções do leitor.” (interpretação p. 123) “Os textos não têm sentido em si; eles só o adquirem nas leituras e usos que deles são feitos.” (p. 26-27, retomado p. 124) A apropriação, portanto, é um processo criativo, que envolve tanto as condições sociais do leitor quanto às possibilidades do texto.

acontecimento histórico e o imaginário coletivo, participando ativamente da construção das representações sobre a doença.

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa, no que tange ao uso de fontes primárias, tem por finalidade a análise de periódicos publicados no auge da pandemia da Gripe Espanhola no Brasil, especificamente na cidade do Rio de Janeiro. Tal delimitação se deu em razão da centralidade política e cultural da então capital federal, além da ampla circulação e influência de seus jornais. Assim sendo, foram selecionados, como corpus documental, dois destacados jornais da época: *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias*.

De antemão, cabe apresentar um breve histórico desses jornais, além da forma como se posicionavam social e politicamente no contexto histórico em que estavam inseridos. Segundo George Vidipó (2016), em seu Artigo que analisa o periódico *Gazeta de Notícias*:

O Gazeta de Notícias foi lançado no dia 2 agosto de 1875 com o objetivo de noticiar, levar literatura e ser “neutro”. Em seu prospecto inaugural estabelecia sua meta: “Além de um romance, a Gazeta de Notícias todos os dias dará um folhetim de atualidade. Artes, literatura, teatros, modas, acontecimentos notáveis, de tudo a Gazeta de Notícias se propõe trazer ao corrente os seus senhores” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 2 de agosto de 1875, p.1). Em outra nota, na mesma página, afirmava sua proposta de neutralidade: “Não sendo a Gazeta de Notícias folha de partido apenas tratará de questões de interesse geral, aceitando nesse terreno o concurso de todas as inteligências que quiserem utilizar das suas colunas” (Opt. Cit.). Ser “neutro” era não ter lado, ou escolher uma proposta de partido político, ser neutro era não ter partido (VIDIPÓ, 2016, p.1 -2)

Além disso, conforme aponta o autor, tratava-se de um periódico de caráter popular e baixo custo. Acerca do jornal “*Correio da Manhã*”, este fora fundado em 15 de junho de 1901 pelo jornalista Edmundo Bittencourt, profissional que iniciou sua carreira em Porto Alegre, no periódico A Reforma. Segundo Daiana Maciel Areas (2012):

Bittencourt teria levado para seu próprio jornal, na capital da República, o perfil “participante e combativo” que conhecera na imprensa do Rio Grande do Sul (LEAL, 2001:1) [...] Seu proprietário imprimiria uma marca forte ao novo jornal, que seria a da “busca da verdade”. O público inicial do Correio da Manhã era composto por representantes da pequena burguesia urbana, escalões médios da administração, militares, comerciantes, professores e donos de pequenas empresas (RIBEIRO, 2007: 64). Na fase inicial, o jornal contou com a experiência do jornalista Pedro Leão Veloso (Gil Vidal), redator-chefe até 1923, e com profissionais gabaritados e reconhecidos nas áreas de imprensa e literatura, como Augusto Frederico Schmidt, Rui Barbosa, Coelho Neto, Arthur Azevedo, Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Holanda e Gondin da Fonseca, entre outros (AREAS, 2012, p. 6)

À vista disso, cabe compreender que, enquanto o *Gazeta De Notícias* buscava sustentar uma postura de neutralidade e de apelo popular, difundindo conteúdos literários e informativos acessíveis a um público amplo, o *Correio Da Manhã* se colocava como detentor

de uma linha editorial marcada pela combatividade e pelo engajamento político, e, diferentemente do *Gazeta*, se voltava principalmente às classes médias urbanas e a pequena burguesia (AREAS, 2012, p.7). Dessa forma, a análise desses periódicos permite compreender como diferentes projetos editoriais se articularam na formação da opinião pública durante a pandemia, evidenciando o papel central da imprensa como mediadora das representações sociais e políticas do período.

A leitura atenta dos periódicos *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã*, revela o modo como a imprensa construiu múltiplas representações sobre a pandemia de gripe espanhola. Acerca das primeiras informações após o desembarque da Gripe no país, Schwarcz e starling (2020) frisam que:

As informações sobre uma "doença espanhola" que andava atacando as tropas em guerra na Europa só começaram a ganhar concretude, e mesmo destaque, na imprensa carioca quando os integrantes da Missão Médica Militar, que se encontravam a caminho de Dakar, a bordo do navio La Plata, foram adoecendo, um a um, de um mal considerado "muito misterioso". As notícias iniciais das mortes dos brasileiros no exterior chegaram à capital por um cabograma enviado pelo chefe da Missão, José Nabuco de Gouveia, no dia 26 de setembro [...] O alerta não teve a capacidade, todavia, de despertar as autoridades da cidade para a urgência de mobilizar estratégias de combate à peste; não nesse primeiro momento (SCHWARCZ; STARLING, 2020. p.121)

As autoras ainda acrescentam:

Na opinião de José Paranhos Fontenele, então inspetor sanitário da Diretoria-Geral de Saúde Pública, a censura vigente nos meios militares, que procuravam negar a seriedade da gripe, atrasou as medidas de combate, além de ter impedido que a população dimensionasse com rapidez a marcha dos acontecimentos. Ademais, as instituições sanitárias federais não se achavam aparelhadas ou bem equipadas [...] O mesmo poderia ser dito do Serviço de Profilaxia do Porto, que fazia parte da Diretoria de Saúde Pública. Como já sabemos, a seção não possuía recursos para realizar a desinfecção da totalidade das embarcações que aportavam na cidade, medida altamente necessária numa situação de crise epidêmica. Também não se aplicou uma política de quarentena nos navios, então avaliada como uma medida "antipática", e que poderia acarretar problemas políticos, econômicos e sociais — nacionais e internacionais. (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p.121 -122)

Sendo assim, a moléstia entrou na capital no dia 15 de setembro, quando a bordo do navio Demerara, desembarcaram no Rio 367 passageiros adoecidos. A rapidez do contágio aclarou ainda mais a falta de estratégias para o combate preventivo da doença, além dos déficits nos equipamentos sanitários e de saúde do estado. A ausência de uma estrutura básica para socorrer a população foi o primeiro dos muitos problemas estruturais revelados pela epidemia (Schwarcz; Starling, 2020, p. 122).

Primeiramente, o governo optou por diminuir a gravidade e mortandade da gripe. Assim seguiu até início de outubro, com a população vivenciando a completa negação da

realidade que se instalara. Entretanto, a partir de meados de outubro o recurso da negação tornou-se, a cada dia, mais conflitante com a realidade dos cariocas (Schwarcz; Starling, 2020, p.123).

Na data de 23 de setembro de 1918, ao noticiar sobre a ocorrência da Gripe na divisão naval brasileira, a bordo do Navio Demerara, o Jornal *Correio da Manhã* entrevistou uma série de autoridades e figuras públicas acerca da moléstia. Nesse contexto, o então diretor geral da saúde pública, Dr. Carlos Seidl, ao ser questionado sobre a possibilidade da chegada da moléstia até a população brasileira, afirmou:

Quando aportou ao Rio, ha dois dias, o " Demerara", tive occasião de não ver confirmadas suspeitas que surgiram. Fui pessoalmente a bordo, examinei os livros do registro, conferenciei com o medico do navio, indaguei quanto pude e fiquei convencido de que não havia motivos de intransquillidade, por quanto basta referir que, em um paquete trazendo um mez de viagem nas peores condicões moraes, pelos sustos da navegação actualmente, e deficientes condicões materiaes, dentre 562 passageiros de 3^a classe enfermaram poucos e só faleceram cinco, entre crenças e adultos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918. Edição 07149, página 01.

Posteriormente, em 29 de setembro de 1918, o Jornal *Gazeta de Notícias*, publicou na primeira página uma charge intitulada “*A invasão da influenza hespanhola*” que retrata a doença como uma mulher chegando de viagem. A “Espanhola”, em diálogo irônico com a figura que representava o poder público, denunciava a negligência das autoridades ao ironizar as promessas de “colocação segura”. Pode-se entender que, essa representação caricatural, além de expressar a crítica à gestão estatal, representa um imaginário popular que conferia à doença traços de identidade própria, quase humana.



Ella — Haga usted el favor de decir al director que estoy a sus ordenes
Continuo — Mas... creio que não ha más logar...
Ella — E como no, si el doctor Seidl me dijo que yo aqui tenía la collocacion segura ?
Esto es un embuste...

Ella — E como no, se el doctor Seidl me dijo que yo aqui tenia la collocacion segura? Esto es un embuste!..

Figura 1 – Charge publicada pelo Gazeta de Notícias ironizando a negligência das autoridades

Fonte: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1918. Edição 00270, p.1

Semanas depois, quando a moléstia atingiu proporções dramáticas, o tom das notícias tornou-se mais severo, revelando a tragédia que se instalou na cidade. O *Correio Da Manhã*, abaixo do título: “A “Grippe” alastrase — vinte mil pessoas atingidas pela epidemia, reportava:

A epidemia de grippe, favorecida naturalmente pelas perturbações atmosphericas destes ultimos dias, vae-se alastrando assustadoramente por toda a cidade, cuja vida começa a soffrer as primeiras perturbações. Raramente se encontrará hoje uma casa onde não haja um grippado e, nos centros onde ha aglomeração - nas officinas, nos collegios, nas casas commenciaes, nos theatros — o numero de victimas não é pequeno. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1918, Edição 07170, p.1.

Porém, ao mesmo tempo em que reportava o aumento no número de casos, a matéria publicada amenizava a gravidade da doença, como fica evidenciado no seguinte trecho: “A molestia apresenta caracter benigno, mas, ainda assim ha, infelizmente, casos fataes a registrar” (*Correio da Manhã*, 1918, p. 1).

Na data de 15 de outubro de 1918, ambos jornais estamparam em sua primeira página o agravamento da epidemia:



Figura 2 – Manchete publicada no dia 15 de outubro

Fonte: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1918. Edição 00286, p.1



Figura 3 – Manchete do Correio da Manhã, 15 de outubro

Fonte: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1918. Edição 07171, p.1

Os títulos, de forte tom acusatório, manifestam a percepção pública do colapso na saúde e a responsabilização direta do Governo. Ao classificar a omissão governamental como “criminosa”, o jornal não apenas informava, mas construía um discurso de indignação e de denúncia, representando o poder público como agente da tragédia, demonstrando que a imprensa assume um papel ativo de crítica social ao revelar o desarranjo entre a magnitude da situação e as lentas ações governamentais. No dia seguinte, 16 de Outubro, o *Correio da Manhã* publicou a seguinte notícia:



Figura 4 – Recorte do jornal Correio da Manhã

Fonte: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1918. Edição 07172, p.1

Ao apontar a mudança do aspecto urbano, a manchete também anuncia o fechamento das escolas, medida que buscava evitar a disseminação do vírus nos espaços coletivos. Devido a isso, posteriormente os parlamentares propuseram a aprovação automática de todos os estudantes brasileiros, sem a necessidade dos exames finais e, sendo assim, ao fim de 1918, o presidente interino Delfim Moreira decretou que nenhum aluno repetiria o ano letivo:

DECRETO N° 3.603, DE 11 DE DEZEMBRO DE 1918

Art. 1º Ficam promovidos, independente de exames, ao anno ou série immediatamente superior áquelle em que se acharem matriculados nas escolas ou faculdades officiaes de quaequer ministerios, nas escolas militares de mar e terra, na Escola Nacional de Bellas-Artes, no Instituto Nacional de Musica, no Instituto Benjamin Constant, no Collegio Pedro II e nos collegios militares e bem assim nos estabelecimentos de ensino a esses equiparados ou já sujeitos a fiscalização e na Academia de Commercio desta Capital, os respectivos alumnos, considerando inexistentes quaequer exames prestados de outubro em deante até esta data.

Diário Oficial da União - Seção 1 - 13/12/1918, Página 14696 (Publicação Original)

Além do fechamento das unidades escolares e o decreto que aprovaria todo o alunado sem necessidade de exames finais, segundo Ademir Santos (2021), especificamente na capital brasileira, inicialmente as escolas também foram fechadas, porém adiante, diversas instituições transformaram-se em postos de socorros, incorporando mudanças na sua finalidade social, bem como exigindo novas ações dos sujeitos educativos, principalmente dos professores, que assumiram um papel de protagonismo. De acordo com o autor, esta foi uma das principais providências da gestão da capital brasileira frente à gripe espanhola.

Sendo assim, além do encerramento das aulas, entende-se que houve a atribuição de novas finalidades sociais a um conjunto de escolas, tal como outros papéis foram assumidos pelos professores, que atuaram nos postos de socorros escolares implementados, entendidos como essenciais no combate à pandemia. Portanto, para Santos (2021):

“...Uma nova finalidade foi atribuída às escolas durante a epidemia. Isto porque, além da decisão de transformarem instituições escolares em postos de socorros, solicitou-se o protagonismo dos professores. Tal empreendimento requisitou uma ação docente específica, pois envolveu as instituições educativas num audacioso projeto coletivo[...] A instituição dos postos de socorros em instalações escolares foi uma das principais providências da gestão da capital brasileira no intuito de fazer frente à gripe espanhola. Há, inclusive, anúncios em que dirigentes ofereciam a infraestrutura escolar para aquela nova finalidade, ratificando a centralidade das instituições educativas nesse processo histórico.”

(SANTOS, Ademir Valdir. 2021, p. 292)

Ao mesmo tempo em que determinadas escolas tornaram-se postos de socorro, o atendimento da saúde pública passou a ocorrer predominantemente em domicílio, deslocando o cuidado médico para o espaço privado. Essa reorganização reflete como a epidemia reconfigurou o uso dos espaços urbanos e a experiência cotidiana.

Nesse contexto de tensão entre autoridades sanitárias e população, a imprensa claramente atuou como espaço de crítica e alerta, e, de modo contundente, a *Gazeta De Notícias*, publicou a manchete “*Grande Desgraça: O “ mal de Seidl” progride assustadoramente*”, numa referência direta ao diretor de Saúde Pública, Carlos Seidl:



Figura 5 – Primeira página do Gazeta de Notícias, dia 16 de outubro

Fonte: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1918, edição 00287, p.1

Assim, o jornal reforçava a percepção de que as medidas oficiais eram insuficientes, e desorganizadas, sobretudo quanto à falta de médicos, medicamentos e leitos hospitalares. Segundo Schwarcz e Starling (2020) “ O ataque a Carlos Seidl era tamanho, que a doença passou a ser chamada de "Mal de Seidl" p. 145. A pressão foi tamanha que, em 16 de outubro, Seidl pediu a censura dos jornais que “criavam” o pânico na população, prejudicando a ordem pública. Em decorrência disso, na data de 18 de outubro, o *Gazeta de Notícias* publicou a seguinte manchete, utilizando-se de um teor sarcástico e ironico em relação ao governo:



Figura 6 – Manchete do Gazeta de Notícias ironizando tentativa de censura

Fonte: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1918, edição 00289, p.1

O texto estampado na primeira folha se deu devido a tentativa de censura por parte do governo, como descrito na seguinte nota presente na mesma página:

A epidemia e a Censura: Por determinação do Sr. presidente da Republica a Censura nos intimou, hontem, a nao atacar mais o Sr. Carlos Seidl e o governo, nem publicar o numero de casos fataes ou não causados pela epidemia de gripe. Dissemos, ha dias, que o governo estava providenciando para debellar o mal e como se vê as suas disposições são cada vez mais energicas...Começam pela imprensa. Que belleza!O governo com muito acerto, revelando o maior desvelo pela saude da população, acaba de tomar a medida que se impunha nas circumstancias actuaes, estabelecendo a censura para a imprensa a respeito do mal de Seidl". Agora,com a resolução

governamental, a gripe hespanhola cessará completamente. Os jornaes não farão mais nenhuma vítima, nem produzirão panico a populaçao indefesa. Se não for possivel que os mortos resuscitem, os agonisantes se levantarão dos leitos e curados. [...] serão substituidos pelos elogios a benemerencia do director da Saude Publica A medida tomada pelo governo é certamente uma das mais importantes, senão a mais importante, em defesa da Capital. A populaçao pode ficar descansada, porque o governo está providenciando, de maneira que já hoje ninguem verá publicados os nomes das pessoas mortas. (Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1918, edição 00289, p.1)

O trecho evidencia a tensão direta entre a imprensa e o governo durante a Gripe Espanhola. Ao passo que os jornais denunciavam a insuficiência das medidas sanitárias, o Estado buscou controlar a narrativa da doença através da censura decretada em 16 de outubro e registrada na edição da Gazeta de Notícias de 18 de outubro de 1918. Tal ação revela um esforço do Governo em controlar a percepção da população sobre a crise instaurada.

Conforme apontado por Schwarcz e Starling (2020), Carlos Seidl tornou-se o ‘bode expiatório’ dessa crise, sendo alvo de uma campanha de difamação que colocou em evidência a pressão social e política sobre o diretor de Saúde Pública.

Ainda na data de 18 de outubro, adotando um tom mais “contido”, o *Correio da Manhã* publicou a notícia da demissão de Seidl:



Figura 7 – Primeira página do Correio da Manhã, 18 de outubro

Fonte: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1918, edição 07174, p.1

Além disso, a mesma edição do periódico assinala que “A cidade ainda não voltou ao seu aspecto normal”, destacando a excepcional gravidade do momento, como se observa no trecho a seguir:

O aspecto da cidade, hontem, era de verdadeira desolaçao. Pode-se dizer que se suspendeu a vida da capital, Em todos os bairros, além da falta de medicos e de recursos pharmaceuticos, perante a qual se tornava desesperadora a situação dos atacados pelo mal epidemico, observava se um facto da maior gravidade: a ameaça da fome [...] Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1918, edição 07174, p.1.

Esse registro evidencia não apenas o impacto da pandemia sobre a saúde pública, mas também a paralisação das atividades urbanas e o aumento da vulnerabilidade social, revelando a dimensão multifacetada da crise. Nas edições seguintes, ambos jornais continuaram a evidenciar o flagelo em que se encontrava a capital brasileira e a ineficácia das ações governamentais à frente de um mal que pouco se sabia a respeito. O periódico *Gazeta de Notícias* seguia um tom mais severo e alarmante, denunciando o caos instalado, noticiando a epidemia sempre como manchete, em sua primeira página, e direcionando sua crítica à ineficácia do governo. Já o *Correio da Manhã*, adotava uma postura mais moderada, mas também revelando sua opinião sobre a omissão e ineficiência das providências tomadas pelo poder público.

A transformação da cidade e da vida cotidiana durante a pandemia também foi escrita nas páginas desses periódicos. Ao apontar que a capital havia se tornado “um vasto hospital”, ambos jornais colaboraram na construção de um imaginário urbano de doença e desolação, retratando o Rio de Janeiro, que era o símbolo do progresso republicano, como uma cidade paralisada pela enfermidade.

Paralelamente, multiplicava-se na sociedade carioca curas rápidas e “remédios milagrosos” para a doença. A *Gazeta de Notícias* e o *Correio da Manhã*, durante os meses de setembro e outubro de 1918, publicaram diversas “curas” e tratamento supostamente eficazes contra a “espanhola”, revelando como o medo coletivo, em um momento onde pouco se conhecia sobre o vírus e o conhecimento científico começava a se expandir, abriu espaço para o surgimento de medicações consideradas milagrosas, como pode-se aferir nos seguintes recortes dos periódicos:

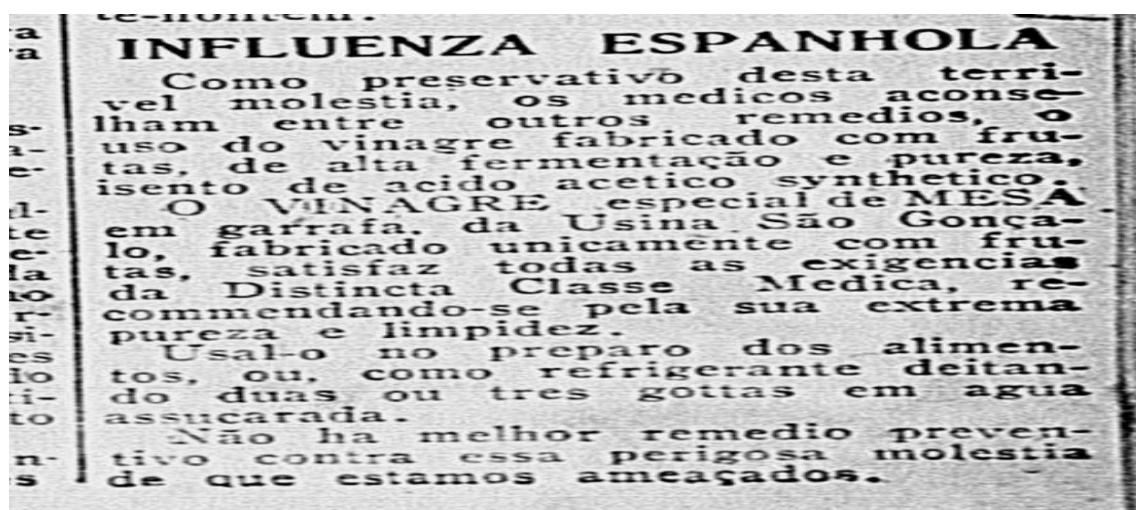


Figura 8 – Recomendação do uso de Vinagre como prevenção da doença

Fonte: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1918, edição 07153, p.1

A recomendação do uso de vinagre como prevenção fez parte de uma ampla circulação de recomendações de remédios caseiros e orientações pouco científicas, refletindo o desconhecimento sobre a doença e a tentativa de oferecer soluções imediatas à população.



Figura 9 — Propaganda de “Hepatolaxina” como suplemento fortalecedor do organismo contra o vírus

Fonte: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1918, edição 07155, p.3

Do mesmo modo, a propaganda de “Hepatolaxina” além de denotar a difusão de medicações milagrosas, revela também a exploração comercial do medo gerado pela doença, mostrando como produtos de eficácia duvidosa eram promovidos como proteção contra a doença, reforçando a circulação de soluções populares diante da falta de medidas médicas consolidadas.



Figura 10 — Recomendação da desinfecção domiciliar, utilizando-se também a queima de alfazema e incensos.

Fonte: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1918, edição Edição 07177, p.1

Além do uso de remédios caseiros e suplementos, como publicado nas manchetes apresentadas, a recomendação de desinfecção domiciliar, incluindo a queima de alfazema e incensos indica as estratégias de proteção baseadas em práticas de higiene populares, em uma tentativa de conter a propagação da Gripe. Mais do que medidas sem respaldo científico, essas

ações refletem o papel das práticas populares na experiência cotidiana da Peste e a busca por alguma forma de prevenção e cuidado em meio ao flagelo em que a cidade se encontrava.



Figura 11 — Publicação no Correio da Manhã de diversas recomendações ao povo

“Evitar aglomeração, esforço físico, e tomar cuidados como: “inalações de vaselina mentholada, gargarejos com agua é sal, com agua iodada, com ácido cítrico, tannino o infusões contendo tannino, como folhas de goiabeira e outras. tomar como preventivo, internamente, qualquer sal de quinino nas doses de 25 a 50 centigrammos por dia, e de preferencia no momento das refeições.”

Fonte: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1918, edição Edição 07177, p.1

A publicação do Correio da Manhã reunindo diversas recomendações, desde evitar aglomerações até inalações, gargarejos e o uso de quinino, indica um esforço em orientar a população por múltiplos caminhos preventivos, mesmo sem a presença de evidências científicas consistentes. O conjunto de instruções reflete principalmente a precariedade do conhecimento médico sobre a enfermidade.



Figura 12 – O Gazeta de Notícias publica tomar banho de mar como forma de remediar a “hespanhola”

Fonte: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1918, edição 00300, p.5

A publicação do Gazeta de Notícias, sugerindo o banho de mar como remédio para a “hespanhola” ao mesmo tempo em que anuncia diversos produtos como ‘camisas’, ‘calções’ e ‘sapatos’, novamente expressa a mistura entre orientações pseudocientíficas para salvaguarda contra a doença e os interesses comerciais, transformando o medo da população em oportunidades de consumo.

À vista disso, torna-se notório que a população, diante do pânico que se tornou parte do cotidiano, recorreu a uma série de remédios populares e soluções improvisadas, movidas principalmente pelo desespero, do que propriamente pela ciência. O quinino, por exemplo, tornou-se um dos fármacos mais utilizados apesar de seus severos efeitos colaterais. Ao mesmo tempo, proliferavam receitas caseiras e curas milagrosas. Essa multiplicidade de práticas evidencia o clima de medo e confusão que marcou o período, em que a crença popular e a carência de respostas científicas acabaram moldando as formas de enfrentamento da doença, como apontam Schwarcz e Starling (2020):

[...] como as autoridades não chegavam a um consenso acerca dos tratamentos a serem dispensados, sobravam remédios prometendo verdadeiros milagres e muita sabedoria popular. O mais empregado era o sal de quinino, entendido na época como um "santo remédio" [...] A população apelava ainda para os famosos "destronca-peitos", alfazemas, limão, coco, sal de azedas (utilizado normalmente para limpeza e desinfecção), cebola, xaropes milagrosos que curavam tudo, vinho do Porto, fumo de rolo, infusões. (SCHWARCZ, STARLING, 2020, P. 138-139)

Além disso, as autoras apontam que diante desse cenário, a medicina popular e caseira ganharam protagonismo, assim como a figura dos curandeiros:

Também a medicina popular [...] passou a ser foco de especulação comercial. Na busca pela cura da moléstia, e diante da ineficácia dos receituários médicos, a população acabava optando pela medicina caseira. Nesse processo, a figura dos curandeiros, que moravam nos morros e nas áreas mais afastadas do Rio, ganhou protagonismo. Muitos deles traziam conhecimentos de partes distintas da África, os quais eram relidos no Brasil a partir da mistura de ervas, plantas e de uma religiosidade secular [...] O certo é que a proliferação de receitas milagrosas e o uso de outros saberes revelavam outro lado de uma mesma questão: a insatisfação da população com a falta de atendimento, a impossibilidade de as autoridades estabelecerem diagnóstico preciso e a ausência de estratégias eficazes contra o ailastramento da doença. (SCHWARCZ, STARLING, 2020, P. 141)

Nesse contexto, a cidade, que, até então exibia a imagem de progresso e modernidade, encontrava- se assolada pelo medo e luto. A representação de tais emoções coletivas despertadas pela “dansarina”, tornam-se evidentes nas seguintes manchetes do Jornal *Gazeta de Notícias*, que noticiava usando a linguagem mais enfática e alarmista:



Figura 13 – Manchete Gazeta de Notícias, 26 de outubro

Fonte: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1918, edição 00297, p.1

A manchete “Entre a vida e a morte”, acompanhada da afirmação de que a população sofria “as consequências de um governo maldito”, evidencia o tom dramático e fortemente crítico adotado pelo jornal durante o auge da Gripe Espanhola. O uso de termos carregados, como “maldito”, “desolação” e “luto”, reforçam a ideia de uma cidade tomada pelo sofrimento e pelo abandono governamental. Sob a perspectiva da História Cultural, essa construção discursiva revela que a imprensa não apenas informava, mas interpretava o evento, moldando a percepção coletiva de que o desastre epidemiológico era, também, um desastre político.



Figura 14 – Manchete Gazeta de Notícias, 28 de outubro

Fonte: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1918, edição 00299 p.1

A manchete acima intensifica ainda mais a crítica social e política ao articular temas como corrupção, desigualdade e exploração econômica. Ao afirmar que o presidente distribuía empregos a aliados “enquanto o povo morre na miséria”, o jornal estabelece um contraste direto entre o privilégio das elites e a vulnerabilidade extrema das classes populares. Desse modo, entende-se que a pandemia revelou e ampliou as falhas estruturais da Primeira República, expondo o caos social e o sofrimento coletivo, que aumentava devido à omissão do Estado e as desigualdades que já marcavam a sociedade brasileira.



Figura 15 – Manchete Gazeta de Notícias, 29 de outubro

Fonte: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1918 edição 0300 p.1

Na manchete do dia 29 de outubro, publicada pelo *Gazeta de notícias*, fica evidente a retórica de impacto utilizada pela imprensa. A expressão “morte a granel” revela a alta mortalidade da doença, sugerindo que o cotidiano da cidade havia sido tomado pela presença constante da morte. Ao afirmar que os socorros públicos produziam “mais vítimas” do que a própria doença, o jornal responsabiliza diretamente as autoridades sanitárias. Já a frase irônica “a epidemia decresce com o povoamento dos cemitérios” demonstra o desespero e a indignação por falta de medidas do Estado, reforçando que o único modo de “controle” era a diminuição da própria população viva. Dessa forma, nota-se como a imprensa combinou denúncia, crítica e acentuação dramática para construir uma representação da cidade em colapso. Assim, a cobertura jornalística não apenas refletiu o caos sanitário, mas ajudou a produzir sentidos sobre a pandemia como experiência de abandono, medo e desorganização social.

Contudo, apesar do tom fúnebre que seguiu as manchetes no decorrer do auge da pandemia na cidade do Rio, apenas alguns meses depois, os mesmos jornais noticiariam o renascimento da vida social. No período do Carnaval de 1919, o *Gazeta de Notícias* e o

Correio da Manhã publicaram matérias que representavam a celebração da retomada da alegria popular após meses de luto e angústia. Na data de 20 de Janeiro, o *Correio da Manhã* já publicava:

CARNAVAL

Quem não morreu da "hespanhola", quem della pode escapar, não dá mais tratos á bola, toca a rir, toca a brincar... A quadra não é de prantos! Tragam nos labios sorrisos pois já por todos os cantos se ouve a musica dos guisos. O Carnaval está na porta e da tristeza e da dor Momo a sequencia nos onto com seu zabumba atroador. A Folia está na rua, e aos requebros do "Can-can" vae-se ao imperio da Lua, numa alegria louçã. Vae o prazer aos confins, remexe-se a terra inteira, ao som vivaz dos clorins, ao roncar do Zé-pereira. Pinta-se a manta e o sete, a jogar com as meninas tempestades de confetti, do "Rodo" e de serpentinas. Só ha momentos sympatheticos prós cavalheiros que ufanos vão brincar nos Democraticos ou nos bravos Fenianos. Por isso pois, minha gente bolas aos planos sinistros sobre o novo presidente, sobre os futuros ministros, sobre o caso complicado, cheio de negras mazzellas do tal Commissariado, com as suas muitas tabellas! Deus Momo toca a rebate!... Eil - o! A Folia cá está!... Um viva á Flor do Abacate e ao Ameno Resedá... — PIERROT.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1919, edição 07268, p. 4

No dia 02 de Março, o *Gazeta de Notícias*, dedicou sua primeira página à folia carnavalesca, estampando em sua manchete “O carnaval Triumphant: o entusiasmo popular excede hontem toda a expectativa” (*Gazeta de Notícias*, 1919, p.1) Posteriormente, em 4 de março, voltou a abordar o tema, enunciando “A mão alegre da folia empolga a cidade: o carnaval passa numa apotheose” (*Gazeta de notícias*, 1919, p.1).

Acerca disso, Schwarcz e Starling (2020) refletem no seguinte trecho:

Com tantos motivos para temer, mas também para festejar, o Carnaval de 1919 foi um dos mais animados de todos os tempos, como se os sobreviventes quisessem celebrar uma nova vida, capaz de fazer esquecer a grande tragédia dos meses de setembro a novembro de 1918. (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 154)

Portanto, cabe compreender que, esta oposição entre o desespero de 1918, no ápice da contaminação e casos fatais, e a euforia carnavalesca de 1919 ilustra a maleabilidade das representações e emoções coletivas sobre o período pandêmico, ao alternar-se entre o medo e a celebração, entre a morte e o ânsia de ‘renascimento’. Tal contraste demonstra como a sociedade buscou ressignificar a experiência traumática e avassaladora da pandemia por meio do festejo, transformando a dor e a memória da perda em manifestações de vivacidade e reconstrução simbólica da vida social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, cabe enfatizar que a análise da Gripe Espanhola no Brasil, sob a perspectiva da História Cultural, corrobora o entendimento de que as pandemias superam o campo biológico e médico, configurando-se também como fenômenos sociais e simbólicos. A partir do estudo dos periódicos *Gazeta de Notícias* (RJ) e *Correio da Manhã* (RJ), em conformidade com o método proposto por Bardin (1977), foi possível identificar como a imprensa de 1918-19, além de registrar o avanço da doença, atuou como formadora das percepções coletivas e difusora de representações sobre o medo, a morte e, por fim, a esperança.

Desse modo, as narrativas jornalísticas analisadas revelam um cenário de incertezas, no qual a população buscava compreender e reagir diante de um inimigo invisível, recorrendo à sabedoria popular e panaceias, diante das poucas medidas médicas e sanitárias disponíveis. Ao mesmo tempo, a imprensa contribuiu para moldar a memória coletiva da pandemia, consolidando imagens, metáforas e discursos que influenciaram a forma como o evento foi vivenciado e posteriormente lembrado. Sob o referencial teórico da História Cultural, a partir das concepções de Roger Chartier, observa-se que tais representações ilustradas nos jornais, são produções simbólicas que revelam os modos como os sujeitos perceberam, interpretaram e reagiram ao referido acontecimento histórico.

Ademais, ao lançar o olhar para a pandemia de 1918 através dessas perspectivas, comprehende-se que a população elaborou sentidos para a dor e o luto, sendo que, após o período de tristeza e perda coletiva, acendeu-se um desejo de renascimento, expresso na efervescência cultural e nas celebrações do carnaval de 1919. Sobretudo, essa transposição de sentimentos denota a plasticidade das emoções e das representações coletivas e faz com que se compreenda a pandemia não apenas como um evento biológico, mas como fenômeno cultural e simbólico, que reorganizou discursos, emoções e práticas sociais.

No que tange a Educação, além de aprofundar as disparidades educacionais, um dos principais impactos da pandemia, com apporte nas perspectivas da História Cultural, é a transformação dos espaços educacionais, como quando em 1918 as instituições escolares foram fechadas ou tomaram uma nova atribuição, sendo transformadas em postos de socorro para os enfermos. E como exemplo recente, durante a pandemia da Covid-19, quando as salas de aula físicas foram substituídas por plataformas virtuais, gerando mudanças nas interações entre alunos e professores, exigindo novas estratégias e abordagens pedagógicas. Nesse sentido, os espaços sociais, como a Escola, são lugares de produção, circulação e apropriação

de sentidos, e durante a Gripe Espanhola, o fechamento das instituições escolares e a sua conversão temporária em postos de socorro são evidências de como as crises sanitárias reorganizam materialidades, sociabilidades e o cotidiano.

Segundo Schwarcz e Starling (2020), apesar das marcas institucionais, como a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública em 1920, a pandemia não se converteu em rituais públicos de memória. Pelo contrário, tornou-se um episódio silenciado, cuja compreensão requer observar os discursos, práticas e disputas simbólicas que marcaram esse período histórico. Nesse contexto, a imprensa carioca foi, simultaneamente, veículo de informação, espaço de contestação política e instrumento de construção de sentidos, contribuindo para moldar o modo como a gripe espanhola foi vivida, narrada e lembrada no Brasil.

Portanto, este estudo contribui para ampliar o entendimento de que, muito mais que um episódio isolado do passado, a pandemia de 1918 é um retrato das formas como o medo e a esperança se entrelaçam na construção da experiência histórica. Compreender o que se vivenciou naquele momento é também compreender como o Brasil elaborou, e elabora suas respostas diante das crises sanitárias e sociais. Na recente pandemia da Covid-19 (SARS-CoV-2), o mundo viu-se novamente aterrorizado por uma doença viral, que reacendeu memórias e discursos semelhantes aos de 1918. À vista disso, estudar minuciosamente este capítulo da História brasileira, permite não apenas reconhecer os padrões que se repetem e se assemelham, mas também refletir sobre a persistência de determinadas práticas e percepções sociais diante do sofrimento coletivo, e é justamente nesse exercício da memória que a História e o historiador reafirmam seu papel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AREAS, Daiana Maciel. **Imprensa e política na década de 1950: o caso do Correio da Manhã.** In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH-RIO, 15., 2012, São Gonçalo. *Anais...* São Gonçalo: FFP/UERJ, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.
- BRASIL. **Decreto nº 3.603, de 11 de dezembro de 1918.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-3603-11-dezembro-1918-572586-norma-pl.html>. Acesso em: 23 nov. 2025
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** Estudos Avançados, 4(8), 173-191.(1990).
- SANTOS, Ademir Valdir. **Escolas como postos de socorros: instituições escolares na epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro (1918).** Revista Brasileira de História, vol. 41, n 87 2021• pp. 281-303.
- SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **Da gripe espanhola à COVID-19: uma análise comparativa de epidemias e pandemias do século XX ao XXI.** Diálogos, Maringá-PR, Brasil, v. 25, n. 2, p. 68-85, mai./ago. 2021
- SCHWARCZ; STARLING **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VIDIPÓ, George. **A Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro e os momentos decisivos (1888-1889).** In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH-RIO, 17., 2016, Nova Iguaçu. *Anais...* Nova Iguaçu: Instituto Multidisciplinar, UFRRJ, 2016. ISBN 978-85-65957-05-2.

FONTES PRIMÁRIAS

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918. Edição 07149, p.1
Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web](#)

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1918, Edição 07170, p.1.
Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web](#)

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1918. Edição 07171, p.1
Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web](#)

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1918. Edição 07172, p.1
Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web](#)

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1918, edição 07174, p.1.
 Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web](#)

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1918, edição 07153, p.1
 Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web](#)

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1918, edição 07155, p.3
 Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web](#)

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1918, edição Edição 07177, p.1
 Disponível em :[Correio da Manhã \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web](#)

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1919, edição 07268, p. 4
 Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web](#)

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Seção 1, 13 dez. 1918, p. 14696. Publicação original.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1918, edição 00300, p.5,
 Disponível em: [Gazeta de Notícias \(RJ\) - 1900 a 1919 - DocReader Web](#)

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1918, edição 00297, p.1.
 Disponível em: [Gazeta de Notícias \(RJ\) - 1900 a 1919 - DocReader Web](#)

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1918, edição 00299 p.1
 Disponível em: [Gazeta de Notícias \(RJ\) - 1900 a 1919 - DocReader Web](#)

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1918 edição 0300 p.1
 Disponível em: [Gazeta de Notícias \(RJ\) - 1900 a 1919 - DocReader Web](#)

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1918, edição 00287, p.1
 Disponível em: [Gazeta de Notícias \(RJ\) - 1900 a 1919 - DocReader Web](#)

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1918, edição 00289, p.1
 Disponível em: [Gazeta de Notícias \(RJ\) - 1900 a 1919 - DocReader Web](#)

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1918. Edição 00270, p.1.
 disponível em: [Gazeta de Notícias \(RJ\) - 1900 a 1919 - DocReader Web](#)

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1918. Edição 00286, p.1.
 Disponível em: [Gazeta de Notícias \(RJ\) - 1900 a 1919 - DocReader Web](#)

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas perspectivas.** (org.) tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.